

Siegfried Kracauer e “Propaganda Totalitária”. O Exposé: “Massa e propaganda”

Carlos Eduardo Jordão Machado¹

Resumen:

Trata-se de discutir alguns conceitos-chave deste estudo inédito de Kracauer, talvez o seu escrito mais politicamente explosivo, que elaborou para o Instituto de pesquisa social entre 1936-38. Conceitos tais como “vontade de poder niilista”, “terror”; a relação entre propaganda totalitária e reclame; de que modo interpreta o papel de Nietzsche e Sorel na visão de mundo do fascismo e nacional-socialismo e a polêmica com Adorno serão alguns dos temas abordados.

¹ Professor de História da Filosofia e da Arte na UNESP, campus de Assis, Brasil. Autor de *Debate sobre o expressionismo* (1998) (São Paulo: Ed. UNESP); *As formas e a vida. Estética e ética no jovem Lukács* (2004). (São Paulo: Ed. UNESP); tradutor, juntamente com Marlene Holzhausen, de KRACAUER, Siegfried. *O ornamento da massa* (2009) (São Paulo: Cosacnaify); organizador, juntamente com Miguel Vedda, *Siegfried Kracauer. Un pensador más allá de las fronteras* (2010). (Buenos Aires: Gorla). O presente texto faz parte de um estudo em andamento sobre a interpretação de Kracauer sobre o nazi-fascismo, em particular sobre o seu estudo A Propaganda Totalitária.

(¹) Ver *Rund um den Reichstag* (Ao redor do Congresso) de 02/03/1933, o artigo ao ser publicado, Kracauer e sua esposa já se encontravam em Paris (KRACAUER, 1990, pp. 211-12).

Siegfried Kracauer e “Propaganda Totalitária”. O Exposé: “Massa e propaganda”

O início dos anos 1930, na Alemanha, constitui-se uma constelação, muito peculiar, fora de órbita, sem gravitação própria, e repleta de tensões sociais contrapostas: o agravamento da crise internacional do capital financeiro, o crescimento assombroso de um processo de desagregação interna da sociedade alemã, o enfraquecimento do poder de atração dos partidos políticos estabelecidos e a ascensão paulatina do Nacional-Socialismo, em meio a uma confusão ideológica nunca vista no Ocidente. Logo no início de 1932, os nacional-socialistas ganham as eleições regionais na Prússia, na Baviera, em Württemberg e em Hamburgo. Em julho, do mesmo ano, eles aparecem como majoritários nas eleições para o Congresso com 37,7%, em relação aos 21,6% da Social-Democracia, aos 14,3% do Partido Comunista e aos 12,5% do Centro. Em agosto, é publicada uma nova regulamentação dos meios de comunicações, no caso das transmissões radiofônicas (*Rundfunk*), já hegemônico, no Ministério do Reich, pelos nacional-socialistas; o enrijecimento autoritário das novas diretrizes motiva Kracauer a escrever um longo ensaio em novembro, *Gestern-Heute-Morgen* (Ontem-hoje-amanhã), contra a falsa compreensão do (suposto) princípio de neutralidade da imprensa (KRACAUER, 1990, pp.136). Em janeiro de 1933, Hitler assume a presidência (*Presidialregierung*). Em 27, de fevereiro, o famoso incêndio do *Reichtag* (KRACAUER,²1990, pp. 211-212). Na mesma noite, Kracauer é notificado por telegrama pelo diretor do *Frankfurt Zeitung*, Heinrich Simon, que, aliás, não era nem um pouco seu amigo, muito pelo contrário, vai ser responsável pela “adaptação” do jornal aos “novos” tempos; oferecendo-lhe uma “viagem de trabalho” (*Arbeitsurlaub*) para Paris, para lá exercer a função de correspondente do jornal – o que vai durar só por poucos meses. Na mesma noite, Kracauer e sua esposa, Lili, partem para Paris; ela indo diretamente e com pouca bagagem; ele fazendo escala em Frankfurt, para resolver problemas familiares e pessoais, chegando na capital francesa no dia 2, de março. Começa então sua amarga e difícil trajetória, no exílio, primeiro na

França, até 1941, com o país já ocupado pelas tropas alemãs, quando finalmente embarca para o Estados Unidos.

O *Exposé* de Kracauer tinha como intenção desenvolver uma ampla pesquisa sobre os mecanismos de propaganda política nos países fascistas, isto é, não só na Alemanha; o trabalho teria como meta a obtenção de uma Bolsa de Estudos do Instituto de Pesquisa Social, sob a direção de Max Horkheimer. O incentivo do projeto foi estimulado pelos amigos mais próximos de Kracauer ligados ao Instituto, como Leo Löwenthal e, sobretudo, Adorno. A proposta não foi adiante e engendrou uma sucessão de mal-entendidos; a razão é simples: política. O projeto foi considerado sectário e muito radical pela direção. A celeuma pode ser acompanhada na recente correspondência publicada, já referida, entre Adorno e Kracauer. Kracauer, que se encontrava no exílio em Paris, se viu em maus lençóis, pois além de estar numa situação material precaríssima, necessitava de rendimento extra para poder pagar pelo visto de permanência para ir aos Estados Unidos, o que seria impossível sem um auxílio financeiro. O episódio produziu um abalo significativo nas suas relações de amizade tanto com Adorno, como com Leo Löwenthal; suas relações com Horkheimer sempre foram tensas. Desse esboço de pesquisa, Kracauer desenvolveu uma longa versão mais detalhada para publicação na Revista do Instituto, que foi recusada, com o título: *Die totalitäre Propaganda Deutschlands und Italien* (A propaganda totalitária da Alemanha e Itália), de 1938. A versão original continha um total 170pgs. Adorno chegou a escrever um parecer sobre o texto. Começa afirmando que, “Kracauer não está nem vinculado em sua postura teórica a nós [o Instituto, CEJM], nem seu método de trabalho está articulado em uma escrita científica”. Continua, que o trabalho “nem tem valor científico propriamente nem está fundamentado empiricamente de maneira correta, se expressa às vezes em formulações literárias de alto valor, algumas experiências e observações

próprias da posição de *outsider* do autor...”(ADORNO/KRACAUER, 2008, p 387³). Adorno elaborou uma outra versão do texto, com cortes e intervenções radicais, reduzindo o texto a 1/5 do total, mudando inclusive o título para “Teoria sobre a propaganda autoritária”, que foi rejeitada pelo autor, certamente, pois não reconheceu seus argumentos na versão “re-elaborada” pelo seu amigo, Adorno. A resposta de Kracauer: “sua leitura confirmou minha apreensão. Devo dizer-lhe com grande pesar (*Bedauern*), que eu não posso consentir a publicação do manuscrito” (Grifo do autor) (⁴). Pelo visto o texto original sumiu e a versão de Adorno, curiosamente, se encontra no Arquivo Kracauer em Marbach am Neckar, na Alemanha (⁵). O que restou são três cadernos com anotações que será discutido no capítulo seguinte deste trabalho. Esse material só poderá ser devidamente esclarecido e conhecido, assim como os mal-entendidos que gerou, pois a discussão se estende por várias cartas trocadas entre eles na ocasião, após a publicação do volume 2.2, das *Werke* de Kracauer, sem previsão ainda de publicação. O que exponho é a versão do final de 1936, *Exposé*, publicado na edição especial *Marbacher Magazine*, dedicada ao centenário de Kracauer, em 1989, organizada por Ingrid Belke e Irina Renz .

Exposé. Masse und Propaganda (Eine Untersuchung über die fascistische Propaganda) (Esboço. Massa e propaganda (Uma investigação sobre a propaganda fascista). O texto é bem esquemático, trata-se de um projeto, dividido em 6 partes: 1. Problema; 2. A crise depois da guerra e seus resultados; 3. O estágio decisivo da crise; 4. O princípio da solução aparente fascista; 5. O papel da propaganda no fascismo; 6. Alguns resultados chave. Limito-me por ora a um relato simples, para uma discussão posterior.

(³) A carta de Adorno a Kracauer é datada de 03/05/1938. O Parecer citado é um fragmento que os editores acrescentaram em nota, o Parecer está previsto para ser publicado na íntegra no volume 2.2. das *Werke* de Kracauer.

(⁴) Carta de Kracauer a Adorno é de 20/08/1938. Ibid, p. 396

(⁵) É o que me informou pessoalmente a Frau Ingrid Belke, uma das organizadoras de suas *Werke*, no Kracauer-Archiv em Marbach am Neckar, parece que existe uma versão taquigrafada do mesmo, mas de um modo que poucas pessoas podem decifrar, é uma técnica mais antiga. No pós-fácio à nova edição de *Theorie des Films*, Inka Mülder-Bach confirma o mesmo (KRACAUER, 2005, p 849).

1. Nos países fascistas produziram-se novos métodos de propaganda política relacionados diretamente ao terror, tornando-se não apenas um meio, mas a finalidade mesma da política. Eis a novidade, a relação entre propaganda política e terror, é o que diferencia as ditaduras atuais das anteriores. Em um estudo mais detalhado dever-se-ia diferenciar esses métodos de propaganda política do papel da propaganda nos países democráticos em geral relacionado ao anúncio publicitário (*Reklame*). O enquadramento do problema é amplo: de um lado, o papel da propaganda nos países fascistas, particularmente na Alemanha, no qual o uso da propaganda e do terror se tornaram sistemáticos, confrontá-lo com o uso da propaganda política na União Soviética e, por último, com as democracias ocidentais, particularmente, os EUA, onde esta ganha a eficácia de anúncio publicitário (Cf.p.85).

2. A crise econômica do pós-guerra está na origem política e material dos países fascistas, assumindo neles um caráter total. Suas conseqüências sociais: na Alemanha a crise levou à pauperização de amplas camadas da população, dando origem a novas massas ao redor do proletariado. Nesse ponto, dever-se-ia dar atenção ao próprio proletariado; à classe média proletarizada, fazendo referencia ao seu livro sobre *Os empregados*, onde mostra como os setores médios foram proletarizados e pauperizados depois da guerra, aproximando suas condições de vida as dos trabalhadores. (Cf. p.86). Enumera, esquematicamente, os resultados ideológicos da crise: declínio da hierarquia de valores burgueses, a perda de sua segurança e de seu estilo de vida; novamente utilizando uma expressão amplamente empregada em seu livro: a “condição de sem-teto espiritual das massas” (p. 86), que se afastando das políticas socialistas, por meio da crise, passou a viver ideologicamente num vácuo. Os setores médios e sua precária situação, seus membros se proletarizaram, mas continuam ainda a se pensar como burgueses; seu ódio ao comunismo é também seu ódio ao capitalismo, querem uma mudança do sistema, mas que não seja de modo algum uma ditadura do proletariado. Os desempregados com a pulsão da racionalização se viram definitivamente excluídos da produção e dispostos a uma fé num milagre (*Wundergläubigkeit*). Nas palavras de Kracauer: “típico das massas de desempregados e sua constante vacilação entre o nacional-

socialismo e o comunismo” (p.86). Faz um resumo: “como as massas trabalhadoras assim também as novas massas oriundas desse mesmo processo recusam a economia capitalista em sua forma existente. Parecem reduzidas – econômica e socialmente – à ruína, e se sentem, em sua visão ideológica, tão perdidas, como a burguesia imobilizada pela impotência e incapaz de exercer uma força de atração” (ibid).

3. Por meio do peso das massas e da incapacidade dos representantes do capitalismo de conquistá-las emergiu um tal antagonismo entre partidos de direita e de esquerda, entre capitalismo e comunismo, no qual a força de mediação da democracia perdeu lugar. Supondo que fosse possível retornar à prosperidade econômica, na qual boa parte das massas pudesse ser absorvida, isso poderia gerar uma situação revolucionária madura. Uma tal situação colocaria a seguinte tarefa: como seria possível levar as massas a desaparecer como tal? No sistema econômico existente, sob as condições dominantes uma ampla integração das massas seria de antemão impraticável. Como única solução radical é aquela oferecida pelo comunismo que pretende dar cabo dos fundamentos do sistema econômico capitalista, que está na base do surgimento das massas. Numa sociedade comunista, teoricamente, o desemprego seria definitivamente eliminado e as massas enquanto tais desapareceriam. A situação na Alemanha é de tal modo complexa, que uma solução comunista se esbarraria com uma resistência incomum, pois uma parte dela pertence àquelas massas que foram expatriadas e por outro lado, encontraria a resistência arrebatadora dos membros das classes médias despossuídas. Um dilema insolúvel: as massas deveriam ser reintegradas ao sistema capitalista o que não aconteceria. Diante disso apenas uma solução aparente (*Scheinlösung*): o fascismo (Cf. pp.86-7).

4. O princípio da solução aparente reside no fato de que o fascismo não elimina as massas, o que seria impossível, ao contrário, reforça o seu caráter de massa procurando despertar a impressão de que elas foram reintegradas, uma encenação (*Inszenierung*). Para isso o fascismo faz uso basicamente de dois métodos relacionados entre si: o terror e a propaganda.

Em primeiro lugar, o uso do terror se mostra necessário, já que no interior do sistema dominante apenas com o uso da violência o caráter conflitante entre as classes pode ser sufocado o que força necessariamente a solução aparente como a fascista. Em segundo lugar, da propaganda fascista formula duas proposições gerais: ela se apresenta como contrapartida obrigatória à propaganda comunista, ou melhor, ela está presa à propaganda comunista. A propaganda fascista não tem meta como a comunista o desaparecimento das massas enquanto tais. Sua peculiaridade é não ter meta alguma. Para abdicar dessa realização sem metas repugna sua própria meta levando-a *ad absurdum* (Cf. p.88). Em poucas palavras, “sua meta reside em gerar a aparência de reintegração das massas” (ibid). Essa aparência se volatiliza de súbito se não for permanentemente sedimentada pela propaganda, não é como uma propaganda qualquer que se esvai por si mesma, ela tem que ser renovada constantemente. Desse modo, o fascismo não pode absolutamente renunciar ao terror como à força dos mecanismos da propaganda.

5. Do que foi esboçado se conclui que a propaganda fascista se caracteriza por ter como meta não a reintegração das massas enquanto tais, mas para intensificar o seu caráter de massa, ou seja, disforme e anônimo, fácil de se manipular. Nesse ponto, Kracauer lança a seguinte questão: “como é dominada pela propaganda a hipostasiação das massas? (Ibid).

Kracauer realiza uma digressão crítica sobre diferentes teorias das massas: elas são forçadas a se ver em todos os lugares, nas reuniões, eventos, locais. Seu caráter é constantemente atualizado numa “forma esteticamente sedutora de um ornamento ou numa imagem plena de efeitos” (Ibid). Aqui tira conseqüências políticas de seu ensaio de 1927, “O ornamento da massa”, que ele não cita: a impessoalidade dos eventos de massa, a descaracterização dela como público diferenciado e dotado de identidade própria, a estetização do público reduzido a um ornamento anônimo. Só que no caso, a estetização não toma a forma de um mero reclame publicitário, mas de uma imagem plena de efeitos dessas massas supostamente integradas pela força da propaganda, o cerne da solução aparente e terrorista do fascismo. Essa forma esteticamente sedutora de um ornamento, nada mais é do que Walter Benjamin,

no ensaio famoso também de 1936, “A obra de Arte na época da sua reprodutibilidade técnica”, chama de “estetização da política” pelo fascismo, justamente o que Kracauer esmiúça em seu *Exposé*, mostrando o entrelaçamento, neste espetáculo “pleno de efeitos”, entre propaganda fascista e terror. Pois não se trata do mero fetichismo da mercadoria dos reclames publicitários - a feitiçaria é de outro tipo.

Com ajuda das emissões radiofônicas metamorfoseia-se o quarto de dormir numa praça pública, na medida que se pode falar de esfera íntima e de individualidade no fascismo, se essa ainda existe é só para se transformar em massa anônima. A massa é evocada para ser eliminada e extrair dela sua força mítica, pois assim essa aparece para todos como sua superação. O culto da massa, sua metamorfose em mito, traz em si duas outras conseqüências: o culto da personalidade, do *Führer*, que dissipa qualquer sentido de realidade do sujeito, do indivíduo inteiramente esvaziado de qualquer substância, e que surge para legitimar o terror.

Por meio do desencadeamento do culto das massas chega-se ao resultado esperado, tendo em vista sua intenção para alcançar suas precondições indispensáveis: a massa como massa juntamente com a charlatanice (*Scharlatanerie*) atinge-se o bom termo, ou seja, a farsa. Deve-se, portanto, aprofundar a relação entre propaganda fascista e charlatanice. Aqui faz uma nota sobre a importância de uma digressão histórica sobre o charlatão e a propaganda fascista - será que começaria com Napoleão III, investigação que acabara de realizar? Certamente. Está na base de sua argumentação que tentaremos reconstruir no capítulo seguinte, como veremos.

A intenção propriamente dita da propaganda fascista é a pseudo-reintegração das massas por ela preparada e que a mantém sempre ocupada, ordenando-a que marchem sem parar, para que desse modo dê origem à convicção de que estão munidas de funções. O decisivo na tentativa de reintegração dirigida pela propaganda é apresentar a doutrina comunista como sendo o grande perigo ameaçador. Para isto faz uso dos mecanismos ideológicos dos setores médios da população, que vivem na periferia do processo de produção. Tudo para demonstrar que a “falsidade” da idéia de luta de classes - esta não passa de uma

mentira. Não pode faltar, certamente o apelo à juventude. A isso, acrescentam-se os conceitos de “nação”, “povo”, “honra”, como pontos centrais para atingir como propaganda sua realidade e função, e paralisar a luta de classes. Outra anotação importante: uma digressão sociológica sobre o conceito de “raça” e a propaganda anti-semita e o significado em termos de propaganda da política exterior fascista. Outro mecanismo importante diz respeito às leis do tipo *dopo lavoro*, uma fachada para encobrir as efetivas relações entre empregador e empregado.

Por último, a propaganda fascista como uma solução fictícia dos problemas que apresenta não é difícil de ser demonstrada. Como se ela perdesse a sua força originária logo após a tomada do poder. Nesse ponto, Kracauer demonstra novamente a esperança iluminista de que os mecanismos ideológicos fictícios e do terror levado à normalidade política fossem logo tornados evidentes para todos, pela sua falsidade e farsa. Sendo que estava em curso toda uma política de militarização da sociedade e que a Grande Guerra estava batendo à porta. Ninguém do lado democrático e de esquerda tomava a eminência da guerra como inevitável. Mas isso já é assunto do último capítulo, quando discuto de que modo Kracauer analisa, em plena guerra, os noticiários e os filmes de propaganda nazistas, destacando, como ninguém antes dele, o poder das imagens.

O que acabo de expor são suas anotações esquemáticas de um projeto que, em parte, não vingou, em termos, pois o autor levou a cabo o projeto – não foi publicado. Não se sabe, até agora, de que modo Kracauer chegou a desenvolvê-lo para a Revista do Instituto de Pesquisa Social; como tira conseqüências sociológicas e ideológicas últimas do entrelaçamento entre propaganda e terror, a mitificação das massas e dos conceitos de povo, nação, superioridade racial, anti-semitismo, etc.; ou seja, da complexidade de um processo de estetização da política e de transformação das massas em mero ornamento; ou ainda como analisaria outros casos de fascismo além da Alemanha; e, de um lado, a diferenciação da propaganda política nos países comunistas, por outro, a relação dessa com o anúncio publicitário no Ocidente. O que

tentarei fazer adiante é e reconstrução de seus argumentos a partir de suas anotações, três cadernos, pois o original desapareceu.

BIBLIOGRAFIA

ADORNO, Theodor/KRACAUER, Siegfried. *Briefwechsel (1923-1966)* (2008). (Frankfurt aM: Suhrkamp).

KRACAUER, Siegfried. “Gestern-Heute-Morgen”(Ontem-hoje-amanhã) (11/1932). In *Schriften 5-3* (1990). (Frankfurt aM: Suhrkamp, 1990, pp.136-47).

KRACAUER, Siegfried. “Rund um den Reichstag” (02/03/1933) in *Schriften 5-3* (1990). (Frankfurt aM: Suhrkamp, pp. 211-12).

KRACAUER, Siegfried. “Masse und Propaganda” in *Marbacher Magazin*. 47/1988. *Siegfried Kracauer. 1889-1966*. Bearbeitet von Ingrid Belke und Irina Renz. (Marbach am Neckar: Deutsche Schillergesellschaft).

KRACAUER, S. *Theorie des Films. Werke 3* (2005). (Frankfurt aM: Suhrkamp).